UMBERTO ECO

O CEMITÉRIO DE PRAGA

Tradução: Jorge Vaz de Carvalho

FICÇÃO · ROMANCE

ÍNDICE

1. O transeunte que naquela manhã cinzenta *11*
2. Quem sou?. *15*
3. *Chez* Magny *40*
4. Os tempos do avô *59*
5. Simonino carbonário. *98*
6. Ao serviço dos serviços. *113*
7. Com os Mil *131*
8. O *Ercole* *158*
9. Paris *178*
10. Dalla Piccola perplexo *188*
11. Joly. *189*
12. Uma noite em Praga *211*
13. Dalla Piccola diz que não é Dalla Piccola *233*
14. *Biarritz* *234*
15. Dalla Piccola ressuscitado *253*
16. Boullan. *257*
17. Os dias da Comuna *259*
18. Protocolos *285*
19. Osman Bey. *296*
20. Russos?. *303*
21. Taxil *308*
22. O diabo no século XIX *328*
23. Doze anos bem passados. *359*
24. Uma noite na missa *408*
25. Aclarar as ideias *430*

26. A solução final *440*
27. Diário interrompido *459*

Inúteis explicações eruditas *472*

Referências iconográficas *479*

Uma vez que os episódios são também necessários – aliás, constituem a parte principal de uma narrativa histórica –, introduzimos a execução de cem cidadãos enforcados na praça pública, a de dois frades queimados vivos, a aparição de um cometa, descrições que valem, todas elas, pelas de cem torneios, e que têm o mérito de desviar sobremaneira a mente do leitor da acção principal.

Carlo Tenca, *La ca' dei cani*

1

O TRANSEUNTE QUE NAQUELA MANHÃ CINZENTA

O transeunte que naquela manhã cinzenta de Março de 1897 tivesse atravessado por sua conta e risco a Place Maubert, ou a Maub, como lhe chamavam os malfeitores (outrora centro da vida universitária, na Idade Média, quando acolhia a multidão dos estudantes que frequentavam a Faculdade das Artes no *Vicus Stramineus,* ou Rue du Fouarre, e, mais tarde, lugar de execução capital de apóstolos do livre-pensamento, como Étienne Dolet), ter-se-ia encontrado num dos poucos lugares de Paris poupado aos esventramentos do barão Haussmann, entre um emaranhado de ruelas malcheirosas, cortadas em dois sectores pelo curso do Bièvre, que lá por baixo ainda emergia daquelas entranhas da metrópole a que há tempos tinha sido confinado, para se lançar febricitante, arquejante e verminoso no vizinhíssimo Sena. Da Place Maubert, já desfigurada pelo Boulevard Saint-Germain, partia ainda uma aranheira de ruelas, como a Rue Maître-Albert, a Rue Saint-Séverin, a Rue Galande, a Rue de la Bûcherie, a Rue Saint-Julien-le-Pauvre, até à Rue de la Huchette, semeadas de sórdidos hotéis geralmente geridos por auvérnios, albergueiros de lendária cupidez, que pediam um franco pela primeira noite e quarenta cêntimos pelas seguintes (mais vinte soldos se se queria também um lençol).

Se depois tivesse embocado pela Rue Sauton, teria encontrado, mais ou menos a meio daquela rua, entre um bordel disfarçado de cervejaria e uma taberna onde se servia, com vinho péssimo,

um almoço de dois soldos (já então bastante barato, mas o quanto se podiam permitir os estudantes da não distante Sorbonne), um impasse, ou beco sem saída, que na época já se chamava impasse Maubert, mas, antes de 1865, era chamado Cul-de-sac d'Amboise e, anos antes, ainda acolhia um *tapis-franc* (na linguagem da delinquência, uma bodega, uma tasca de ínfima categoria, gerida ordinariamente por um cadastrado e frequentada por forçados há pouco saídos do estabelecimento penal), e tinha ficado tristemente famoso também porque, no século XVIII, ali nascera o laboratório de três célebres envenenadoras, encontradas um dia asfixiadas pelas exalações das substâncias mortais que destilavam nos seus fornilhos.

A meio daquele beco, passava completamente despercebida a montra de um adeleiro, que uma tabuleta desbotada exaltava como Brocantage de Qualité – montra já opaca pelo pó espesso que emporcalhava os vidros, os quais já pouco revelavam das mercadorias expostas e do interior, porque cada um deles era um quadrado de vinte centímetros de lado, unidos conjuntamente por uma armação de madeira. Adjacente àquela montra, teria visto uma porta, sempre fechada, e, ao lado do cordel de uma sineta, um letreiro a avisar que o proprietário estava temporariamente ausente.

Pois, se a porta estivesse aberta, como raramente acontecia, quem tivesse entrado teria entrevisto, à incerta luz que iluminava aquele antro, dispostos sobre umas poucas estantes vacilantes e algumas mesas igualmente inseguras, uma congérie de objectos à primeira vista apetecíveis, mas que a uma inspecção mais atenta se teriam revelado completamente inadequados para qualquer troca comercial honesta, mesmo que tivessem sido oferecidos a preços esfarrapados como eles. É como quem diz, um par de morilhos que teriam desonrado qualquer lareira, uma pêndula de esmalte azul desvidrado, almofadas talvez outrora bordadas com cores vivazes, floreiras sustentadas por amorinhos em cerâmica lascados, instáveis mesinhas de estilo indeterminado, um cestinho porta-cartões em ferro enferrujado, indefiníveis caixas pirogravadas, horrendos

leques de madrepérola decorados com desenhos chineses, um colar que parecia de âmbar, dois sapatinhos de lã branca com fivelas incrustadas de diamantezinhos da Irlanda, um busto partido de Napoleão, borboletas debaixo de vidro rachado, frutos em mármore policromado debaixo de uma campânula outrora transparente, nozes de coco, velhos álbuns com modestas aguarelas de flores, algum daguerreótipo encaixilhado (que, naqueles anos, não tinha sequer o ar de coisa antiga) – de modo que quem se tivesse depravadamente enamorado de um daqueles vergonhosos restos de antigas penhoras de famílias necessitadas, e, encontrando-se diante do desconfiadíssimo proprietário, lhe tivesse perguntado o preço, teria ouvido pedir uma quantia capaz de fazer esmorecer até o mais perverso dos coleccionadores de teratologias antiquariais.

E se, por fim, o visitante, em virtude de algum salvo-conduto, tivesse transposto uma segunda porta que separava o interior da loja dos pisos superiores do edifício, e tivesse subido os degraus de uma daquelas inseguras escadas de caracol que caracterizam aquelas casas parisienses de fachada tão larga quanto a porta de entrada (lá onde elas se amontoam oblíquas uma ao lado da outra), teria penetrado num amplo salão que parecia acolher, não o ***bric-à-brac*** do piso térreo, mas uma colecção de objectos de feitura bem diversa: uma mesinha império com três pés ornamentados com cabeças de águia, uma consola suportada por uma esfinge alada, um armário século XVII, um conjunto de estantes em mogno que ostentava uma centena de livros bem encadernados em marroquim, uma escrivaninha daquelas que se chamam à americana, com cerramento de persianagem e tantas gavetas como uma secretária. E, se tivesse passado à sala contígua, teria encontrado uma luxuosa cama de dossel, uma ***étagère*** rústica carregada de porcelanas de Sèvres, de um narguilé turco, de uma grande taça de alabastro, de um vaso de cristal, e, na parede do fundo, painéis pintados com cenas mitológicas, duas grandes telas que representavam as musas da história e da comédia e, variamente penduradas nas paredes, barreganas árabes, outras vestes orientais em

caxemira, um antigo cantil de peregrino; e depois, um lavatório com uma prateleira carregada de objectos de *toilette* em materiais preciosos – enfim, um conjunto bizarro de objectos curiosos e caros, que talvez não atestassem um gosto coerente e refinado, mas certamente um desejo de ostentosa opulência.

De volta ao salão de entrada, o visitante teria descoberto, diante da única janela pela qual penetrava a pouca luz que iluminava o beco, sentado à mesa, um indivíduo idoso, envolto num roupão, o qual – tivesse o visitante podido espreitar por cima do seu ombro – estava a escrever aquilo que nos preparamos para ler, e que, por vezes, o Narrador resumirá, para não entediar demasiado o Leitor.

Não espere o Leitor que o Narrador lhe revele que se surpreenderia ao reconhecer na personagem alguém já mencionado anteriormente, porque (iniciando-se esta narração agora mesmo) ninguém foi nela já mencionado, e o próprio Narrador não sabe ainda quem será o misterioso escrevente, propondo-se vir a descobri-lo (a par com o Leitor) à medida que ambos espreitam, intrusivos, e seguem os signos que a pena daquele está a verter naqueles papéis.

2

QUEM SOU?

24 de Março de 1897

Sinto um certo embaraço em pôr-me a escrever, como se pusesse a nu a minha alma, por ordem – não, valha-me Deus!, digamos por sugestão – de um hebreu alemão (ou austríaco, mas vai dar ao mesmo). Quem sou? Talvez seja mais útil interrogar-me sobre as minhas paixões do que sobre os factos da minha vida. Quem amo? Não me vêm à cabeça rostos amados. Sei que amo a boa cozinha: só de pronunciar o nome La Tour d'Argent sinto como que um arrepio por todo o corpo. É amor?

Quem odeio? Os hebreus, ocorrer-me-ia dizer, mas o facto de estar a ceder tão servilmente às instigações daquele doutor austríaco (ou alemão) diz que não tenho nada contra os malditos hebreus.

Dos hebreus sei apenas aquilo que me ensinou o avô: «São o povo ateu por excelência», instruía-me. «Partem do conceito de que o bem deve realizar-se aqui, e não depois da morte. Portanto, operam apenas para a conquista deste mundo.»

Os anos da minha infância foram entristecidos pelo fantasma deles. O avô descrevia-me aqueles olhos que te espiam, falsos ao ponto de te tornar lívido, aqueles sorrisos viscosos, aqueles lábios de hiena levantados sobre os dentes, aqueles olhares pesados, infectos, embrutecidos, aquelas pregas entre o nariz e o lábio sempre inquietas, escavadas pelo ódio, aquele nariz deles como o grande bico de um pássaro austral… E o olho, ah, o olho… Roda febril na pupila da cor de pão torrado e revela doenças do fígado, corroído pelas secreções produzidas

por um ódio de dezoito séculos, dobra-se em mil pequenas rugas que se acentuam com a idade, e, logo aos vinte anos, o judeu parece emurchecido como um velho. Quando sorri, as pálpebras inchadas entreabrem-se-lhe ao ponto de deixarem apenas uma linha imperceptível, sinal de astúcia, dizem alguns, de luxúria, precisava o avô… E quando eu já era suficientemente crescido para entender, recordava-me de que o hebreu, além de vaidoso como um espanhol, ignorante como um croata, cúpido como um levantino, ingrato como um maltês, insolente como um cigano, imundo como um inglês, gorduroso como um calmuco, imperioso como um prussiano e maledicente como um astiense, é adúltero por cio irrefreável – depende da circuncisão, que os torna mais erécteis, com uma desproporção monstruosa entre o nanismo da corporatura e a capacidade cavernosa daquela sua excrescência semimutilada.

Eu, os hebreus, sonhei com eles todas as noites, durante anos e anos.

Por sorte, nunca me deparei com eles, salvo com a putazinha do gueto de Turim, quando era rapaz (mas não troquei mais de duas palavras), e com o doutor austríaco (ou alemão, vai dar ao mesmo).

Aos alemães conheci-os, e até trabalhei para eles: o mais baixo nível de humanidade concebível. Um alemão produz, em média, o dobro das fezes de um francês. Hiperactividade da função intestinal em prejuízo da cerebral, que demonstra a sua inferioridade fisiológica. Nos tempos das invasões bárbaras, as hordas germânicas cobriam o percurso com montões desrazoáveis de matéria fecal. Por outro lado, também nos séculos passados, um viajante francês percebia imediatamente se já tinha atravessado a fronteira alsaciana pela anormal dimensão dos excrementos abandonados ao longo das estradas. Mas se fosse só isso: é típica do alemão a bromidrose, ou seja, o odor repugnante do suor, e está provado que a urina de um alemão contém vinte por cento de azoto, enquanto a das outras raças apenas quinze.

O alemão vive num estado de perpétuo embaraço intestinal, devido ao excesso de cerveja e daquelas salsichas de porco com que se